

RELAÇÕES INTERGRUPAIS/

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Uninova cria novos produtos

«O caso da Uninova, é um caso concreto em que, sem esperar pela necessária determinação do Estado, se reúnem empresas, a Universidade Nova e as associações industriais. O objectivo é criar uma estrutura admitindo capacidades e meios de cooperação técnica para o desenvolver de processos aplicáveis e produtos utilizáveis para o mercado, a partir de recursos fragmentados e dispersos.»



Omar Karim vice-presidente da AIP e dinamizador da UNINOVA

Foi assim que Omar Karim caracterizou para o SECULO os objectivos da empresa recém-criada e cujo capital social atinge os cem mil contos. «Mais do que se limitar a aproveitar as capacidades não utilizadas, a própria Uninova poderá criar mesmo essas possíveis transferências: um investigador universitário que trabalhe num projecto da empresa e continue ligado à universidade, em qualquer momento poderá chegar à conclusão ser preferível entrar para o sector produtivo industrial. Ou o contrário: um técnico de uma empresa com projectos na Uninova pode chegar à conclusão que lhe convém obter formação universitária complementar e dirigir-se à instituição académica para a obter. Vão-se criar valências qualitativas enormes.»

Grande parte das empresas que pertencem à Uninova têm já os seus próprios departamentos de investigação ou estão ligados a organismos já existentes, como por exemplo o Instituto de Ciência e Tecnologia de Materiais. Já desenvolveram produtos próprios e novos que lançaram no mercado. Porque,

então, aderem a esta iniciativa?

Investigação própria não chega

«Só a investigação própria não chega para cobrir as necessidades de inovação das empresas. Estamos num país em que as empresas se defrontam com taxas de juro elevadas, ainda há investimentos onerosos que estão a ser pagos neste momento, o que limita as capacidades próprias das empresas para investirem significativamente em investigação. Há, por outro lado, empresas a apostarem fortemente no desenvolvimento de novos produtos para o futuro.»

Um exemplo citado por Omar Karim diz respeito a empresas que trabalham com processos

de extracção de essências. Nesse campo, já está em desenvolvimento uma nova tecnologia baseada na utilização das chamadas «condições supercríticas para fazer a extracção de óleos essenciais sem solventes», isto é, sem utilização de produtos petroquímicos.

Os efeitos destas essências, assim extraídas, são menos nocivos, menos caros do ponto de vista de matéria-prima e, talvez impliquem um menor consumo de energia. É de prever que, num futuro mais ou menos próximo se registre um *down-pricing* desses produtos, o que irá implicar, para os que continuam a proceder à extracção com solventes, uma desvantagem e possível afastamento do mercado.

Uma das empresas portuguesas deste sector estabeleceu,

há dois anos, um contrato com um departamento do técnico para o estudo de um produto que só irá ter consequências no mercado dentro de cinco ou seis anos. É neste âmbito de acções que se irá inserir a Uninova.

«A assembleia geral de eleição dos corpos sociais da Uninova realizou-se ainda há relativamente pouco tempo para que se possam divulgar quais os planos ou projectos que iremos desenvolver. A situação do capital está definida e estatutariamente estão também determinadas as áreas onde a nossa acção se irá concentrar: biotecnologia, electrónica, energias renováveis e sistemas de informática e telecomunicações.»

Não foram ainda apresentados programas concretos ao conselho geral onde se regista paridade entre empresas e departamentos não empresariais. Serão criadas células de investigação dentro das empresas ou nas universidades, agrupando uma unidade de pesquisa. Nalguns casos não haverá uma unidade mista, mas tão-só, um subcontrato: a empresa desenvolve a investigação para uma determinada fase, enquanto a universidade a desenvolverá para outra ou outras fases do mesmo projecto.

Empresa prepara projectos

«Até agora ainda não se entrou nessa fase e é natural que as empresas guardem um certo sigilo quanto aos programas de investigação e desenvolvimento que estão a fazer. Quanto aos projectos individuais, a apresentar, por exemplo por investigadores universitários, e em-

presa está disposta a considerá-los e a procurar que o seu desenvolvimento se dê no sentido da viabilização.»

Perguntámos a Omar Karim como nasceu em Portugal esta mentalidade empresarial mais receptiva a uma aposta nas novas tecnologias.

«Esta atitude resulta do que se passou nos últimos dez anos. Algumas empresas pretenderam aumentar a sua competitividade através dos preços. Mas quando os preços eram bloqueados, a moeda desvalorizada, as matérias-primas aumentavam, verificaram que não era aquela a via certa. Outras empresas apostaram no aumento de produção, fazermos economias de escala, venderem muito e se necessário praticarem «dumping» — quando o mercado teve políticas de austeridade, se verificou a recessão no consumo e os «stocks» ficaram a acumular-se nos armazéns, as empresas ficaram com os excedentes e ainda com as letras e facturas a criarem «dores de cabeça» aos departamentos financeiros.

«Tudo isto levou a que se comesçassem a considerar outros índices e factores de competitividade: a qualidade dos produtos, a elaboração tecnológica do produto, que o tornam mais independente do factor preço «economia de escala», que suscitam uma oferta específica. Tudo isto tem conduzido as empresas a empenharem-se na investigação e desenvolvimento e a integrá-la na sua política de empresa.»

Ambiente favorável

É sabido que no domínio universitário, ao longo dos anos,

tem crescido o número de doutorados por escolas estrangeiras, que passaram três ou mais anos em Cornell, em Colúmbia, em Ohio ou Edimburgo. Ao regressarem a Portugal, ficavam circunscritos a uma carreira universitária de gabinete. A Uninova pode ser uma das hipóteses para aproveitar também essas capacidades actualmente subempregues. Para além da apêndice das novas universidades para este tipo de iniciativas.

«São estes vários factores, estes universos conjugados, que fizeram surgir a Escola Superior de Biotecnologia, no Norte, que resulta do mesmo esforço concertado de empresas e universidade. Depois disso houve mais duas ou três iniciativas de que a Uninova é a mais recente continuadora.»

Omar Karim considera que o ambiente para uma cooperação mais intensa entre todos os intervenientes nos processos que envolvem as novas tecnologias está a florescer plenamente no nosso país.

«Há três anos realizou-se o primeiro encontro da ACTD, Associação para a Ciência e Tecnologia do Desenvolvimento, na Póvoa do Varzim e estiveram presentes 50 pessoas. Algumas pessoas ligadas às universidades, alguns estrangeiros para além dos convidados, em que ano contava. A que se realizou o ano passado, em Aveiro, teve 150 participantes. Encontraram-se ali universitários, empresários, pessoas ligadas à administração pública: há uma comunidade virada para as Novas Tecnologias que pode vir a ter impacto importante na vida económica e social portuguesa nos próximos anos.» □

Diário 1-31

Empresas - relação com a universidade